



O Palácio dos Biscainhos

Uma casa de Memória, Educação e Inclusão

Museu, comunidade e futuro partilhado

O Museu dos Biscainhos, instalado no histórico Palácio dos Biscainhos em Braga, é muito mais do que um conjunto patrimonial notável dos séculos XVII, XVIII e XIX: é uma casa viva, onde a cidade se reconhece, aprende e dialoga consigo mesma. Desde que abriu portas ao público, em 11 de fevereiro de 1978, este espaço tem conciliado a preservação do edifício, das coleções e dos jardins históricos com uma missão cultural e educativa que coloca as pessoas no centro. Hoje, pensar o Museu dos Biscainhos como "Casa" é olhar para um lugar de encontro entre património e cidadania, onde inclusão, participação e conhecimento se traduzem em práticas concretas ao serviço da comunidade.

1. A casa que acolhe: património ao serviço das pessoas

Enquanto casa senhorial transformada em museu, o Palácio dos Biscainhos articula arquitetura, artes decorativas e jardins numa narrativa que torna tangível a vida quotidiana de outros tempos. O percurso museográfico - do Pátio de Honra Coberto à Escadaria Monumental, das salas de aparato às zonas de serviço e aos jardins - foi concebido para valorizar o próprio edifício como cenário e, simultaneamente, abrir janelas sobre práticas sociais, gostos, técnicas artísticas e redes de circulação de objetos entre a Europa e o Oriente. Ao aproximar o visitante destes contextos, o museu cumpre a função essencial de mediar experiências: ouvir, ver, tocar simbolicamente a história e relacioná-la com os desafios do presente.

Esta vocação de acolhimento materializa-se no modo como o espaço se organiza para diferentes ritmos e interesses: famílias e público em geral encontram ambientes imersivos que estimulam a curiosidade; investigadores reconhecem coleções relevantes de mobiliário indo-português, porcelanas orientais, azulejaria e imaginária indoportuguesa; e as escolas dispõem de um conjunto diversificado de pontos de contacto com os currículos, da história e geografia às artes visuais e à educação para a cidadania. Ao convidar cada pessoa a "construir" o seu próprio percurso, o museu reforça a ideia de que o património é de todos e está ao serviço de todos.

2. Missão e visão: um museu participativo

A missão dos Biscainhos assenta em preservar, investigar, comunicar e valorizar um complexo patrimonial único, promovendo o acesso público e o envolvimento ativo da comunidade. Não se trata apenas de conservar um palácio e as suas coleções, trata-se de garantir que esse legado continua significativo para as pessoas que hoje vivem, estudam e trabalham em Braga, mas também com uma visão nacional, almejando a internacionalização. Esta orientação traduz-se numa programação que combina rigor científico, mediação cultural e participação cidadã, reconhecendo o museu como ator relevante no panorama cultural da cidade e do país.

Nesta visão, o museu assume-se como plataforma de diálogo: entre passado e futuro, entre disciplinas, entre públicos com interesses e necessidades distintas. As salas, Salão Nobre, Sala dos Azulejos, Sala do Concílio dos Deuses, Sala de Música, entre outras são aproveitadas como espaços de conversa e experiência, em que a fruição estética se liga a conteúdos históricos e a questões contemporâneas, como sustentabilidade, diversidade cultural, inclusão e literacia patrimonial

3. Missão educativa: aprender no e com o património

A missão educativa dos Biscainhos parte do princípio de que o património é um recurso inesgotável para aprender. As coleções e os espaços permitem trabalhar competências transversais: observação, interpretação de fontes, pensamento crítico, criatividade, comunicação e cooperação. Através de visitas orientadas, oficinas e programas temáticos, a equipa educativa constrói experiências que cruzam conteúdos - do Barroco à globalização setecentista, da história da música à ciência dos materiais - e que se adaptam a diferentes níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário.

Estas propostas promovem metodologias ativas: fazer perguntas, comparar objetos, relacionar obras com contextos, experimentar técnicas, dramatizar situações históricas, mapear rotas e influências. O objetivo não é apenas transmitir informação, mas fomentar a autonomia intelectual e a curiosidade sustentada. Quando um grupo escolar discute a alegoria do inverno num teto pintado, observa um conjunto de relógios Império ou reconhece a circulação de porcelanas chinesas na Europa, está simultaneamente a aprender conteúdos e a exercitar competências de leitura do mundo, essenciais à cidadania.

Ao mesmo tempo, o museu oferece recursos que articulam a educação formal com a educação não formal: materiais preparatórios para professores, percursos temáticos para famílias, atividades intergeracionais e parcerias com universidades e centros de investigação. O resultado é um ecossistema educativo que transforma o museu numa extensão da sala de aula e a sala de aula numa porta de entrada para o museu, num fluxo contínuo entre teoria e experiência.

4. Inclusão e acessibilidade: uma casa de todos

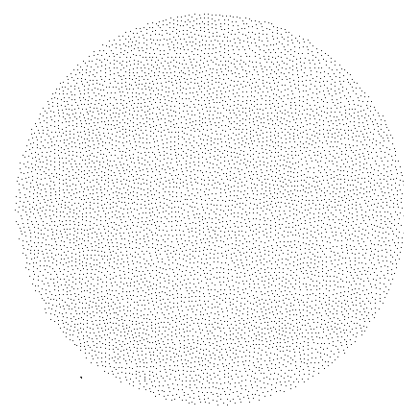
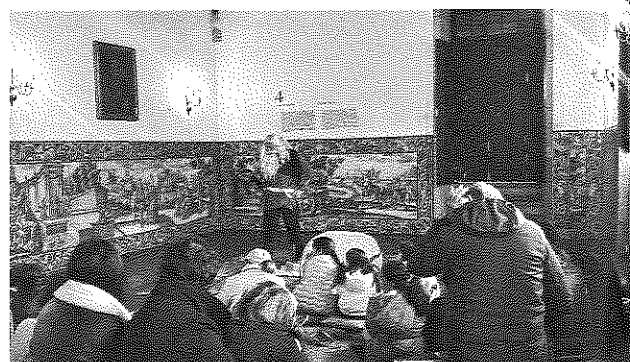
Definir o museu como casa implica garantir que todas as pessoas se sentem convidadas a entrar, permanecer e participar. A inclusão é, por isso, um eixo estruturante: linguagem clara nos materiais de mediação; programas ajustados a vários níveis etários; atenção à acessibilidade física e comunicacional; e criação de contextos seguros para públicos com diferentes repertórios culturais e necessidades específicas. Em cada projeto, o ponto de partida é perguntar: quem ainda não está representado? que barreiras persistem? que alianças podemos mobilizar para as ultrapassar?

Na prática, a inclusão traduz-se em ações com escolas TEIP e agrupamentos do território, iniciativas com associações de pessoas com deficiência, atividades com instituições seniores e projetos com comunidades migrantes. A mediação privilegia o diálogo e a cocriação: em vez de falar apenas 'sobre' os públicos, fala-se 'com' os públicos, incorporando as suas narrativas nas leituras do palácio, das salas e das coleções. Assim, a Casa amplia-se simbólica e efetivamente: torna-se espelho, palco e laboratório de cidadania.

5. Comunidade e parceiros: redes que dão vida à Casa

Nenhum museu é uma ilha. A vitalidade dos Biscainhos decorre também da sua capacidade de trabalhar em rede com parceiros do território: agrupamentos de escolas, universidades, bibliotecas, arquivos, museus da região, centros de arte, associações culturais e sociais, autarquias e entidades do setor turístico e criativo. Estas parcerias permitem desenvolver projetos de investigação aplicada, residências, ciclos de programação conjunta, itinerâncias, publicações acessíveis, recursos digitais e estratégias de valorização dos jardins e do espaço edificado.

Ao articular competências e recursos, a Casa ganha múltiplas vidas: acolhe concertos de música antiga que dialogam com a Sala de Música; promove encontros de leitura e de escrita criativa que se inspiram na iconografia e na azulejaria; convoca oficinas de conservação preventiva em que a comunidade aprende a cuidar do seu património doméstico; e organiza percursos pela cidade que ligam o palácio



a outras memórias coletivas, fortalecendo a pertença e a responsabilidade partilhada.

6. Jardins históricos: laboratório de natureza e cultura

Os jardins setecentistas do Palácio dos Biscainhos, estruturados em patamares com arquitetura e escultura de expressão barroca e rococó, são um recurso pedagógico e comunitário de primeira ordem. Para além do valor estético e botânico, com exemplares como o tulipeiro da Virgínia, estes espaços permitem trabalhar temas de ecologia urbana, história ambiental, arquitetura paisagística e bem-estar. Programas de atividades ao ar livre e práticas artísticas específicas tornam o jardim um prolongamento da Casa, abrindo a experiência museográfica a quem habitualmente privilegia espaços exteriores.

7) Sustentabilidade e futuro: continuidade com sentido

Garantir o futuro desta Casa requer um compromisso continuado com a conservação preventiva, a gestão sustentável, a transição digital e a relevância cultural. Isso implica monitorizar condições ambientais, cuidar das coleções e do edifício, capacitar equipas, ampliar acessos, investir na literacia digital e manter um programa que responda a questões do nosso tempo. A sustentabilidade, aqui, é simultaneamente material (cuidar dos bens) e social (cuidar dos vínculos).

Do ponto de vista da mediação, tecnologias acessíveis - audioguias inclusivos, recursos multimédia legíveis, conteúdos em linguagem clara - podem reforçar a autonomia dos visitantes sem substituir a relação direta com as obras e com os espaços. Do ponto de vista da participação, fóruns com a comunidade, avaliações de impacto e projetos cocuratoriais permitem ajustar o rumo e aprofundar o sentimento de pertença. Em ambos os casos, o objetivo é o mesmo: manter a Casa aberta, relevante e habitável.

Conclusão: uma Casa que pertence a todos

O Museu dos Biscainhos confirma, diariamente, que um palácio pode ser muito mais do que um testemunho do passado: pode ser um lugar de encontro, de aprendizagem e de participação cívica. Ao integrar inclusão, missão educativa e envolvimento comunitário nas suas práticas, afirma-se como uma "Casa" de memória e de futuro, onde cada visitante encontra motivos para regressar e para partilhar. É nessa constância - cuidar, estudar, comunicar, ensinar e acolher - que reside a sua maior importância para Braga: ser um bem comum, um espaço identitário, uma plataforma de possibilidades.

Filipe Ferreira | técnico superior (Mediação, Comunicação e Gestão de Programação) Museu dos Biscainhos – Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E

